

# Em memória do “Obreiro da Pátria”

## Reportagem

Isabel Coutinho

Uma missa e um almoço-convívio em Lisboa assinalaram o 118.º aniversário de António de Oliveira Salazar

● “Organizou o Estado. Defendeu a Constituição. Orientou a juventude. Criou uma doutrina. Constituiu uma força. Criou uma obra social. Construiu e inaugurou. Deixou uma enorme reserva em ouro. Foi e continua a ser homenageado. Governou. Engrandeceu... a pátria.” Foi esta a imagem de António de Oliveira Salazar transmitida na homenagem que ontem decorreu num restaurante lisboeta, na Rua de São José, com um almoço-convívio para assinalar o 118.º aniversário do seu nascimento (28 de Abril de 1889). Ao som de *Sanctus*, de Domingos Bomtempo, a apresentação do *slide-show* foi feita

pelos criadores do *site Salazar - O Obreiro da Pátria*, que comemora um ano de existência.

Era acompanhada por fotos de época e frases ligadas ao regime de Salazar ou atribuídas a ele: “Deus, Pátria, Família”, “Sei muito bem o que quero e para onde vou”, “Vós pensais nos vossos filhos, eu penso nos filhos de todos vós”, “Temos uma Doutrina, somos uma Força”, “Tudo pela Nação, Nada contra a Nação”. No final, uma imagem de um mapa com Angola e Moçambique representados a prolongar o nosso pequeno rectângulo europeu com a legenda: “Portugal não é um país pequeno”. O Estado Novo sem guerra colonial, sem presos políticos, sem pobreza, sem censura.

Cerca de três dezenas de pessoas ligadas ao Núcleo de Estudos de Oliveira Salazar (NEOS) participaram neste almoço-convívio e algumas já tinham estado na missa celebrada pelas 10h00 na Igreja da Nossa Senhora da Saúde na Mouraria, em Lisboa. Todos tinham o mesmo motivo para estar ali: homenagear o homem

e a obra. Mas cada um tem a sua história pessoal, mais ou menos trágica ou sem tragédia nenhuma (há quem tenha nascido depois do 25 de Abril). Carlos Paula Pereira, um dos directores do NEOS, conta a importância que a Mocidade Portuguesa teve na sua vida. Um antepassado de Ricardo Vasconcelos foi presidente do Centro Católico Português (o partido que lançou Salazar para a política). Milton José da Silva, presidente da Associação dos Senhorios Espoliados, perdeu tudo no 25 de Abril (tinha 21 prédios) e, se não fosse a família, poderia ter passado fome. Paulo Rodrigues, presidente da assembleia geral do NEOS, foi secretário da Presidência do Conselho. José Pinheiro da Silva, presidente da direcção do NEOS, professor universitário, foi deputado da Assembleia Nacional, por cá e por Angola.

O Núcleo de Estudos de Oliveira Salazar (NEOS) é uma “associação de inspiração nacionalista e cristã que, reconhecendo a excelência dos princípios, o carácter (...), a conduta exemplar do doutor

Oliveira Salazar, assume a obrigação de honrar a verdade histórica, estudar e divulgar a sua doutrina, o pensamento e a sua obra”.

Carlos Paula Pereira explica: “Não andamos em manifestações, nem na rua a dar vivas a isto ou àquilo. Só não queremos que seja denegrido o nome de Salazar”.

Comemoram também o 28 de Maio. Ricardo Vasconcelos, de 33 anos, ligado às Ciências Sociais, tem uma “profunda admiração pelo professor Salazar, por tudo o que ele representa”. Como nasceu na Revolução de Abril, “infelizmente” não teve a possibilidade de o conhecer. No NEOS, encontrou “pessoas que fizeram parte do Estado Novo e muito contribuíram para Portugal”. Para ele, “a diferença que há entre a chamada ‘velha guarda’ dos salazaristas, dos monárquicos miguelistas e o esquerdismo que nos domina há 33 anos está na qualidade intelectual e moral que essas pessoas têm”. Mantém o fórum nacionalista Pátria. Elogia a editora Nova Arrancada, onde é publicado *Comentário às Quase Memórias de Almeida Santos*,

do general Silvino Silvério Marques, que ontem foi lançado no almoço. Editora que, na sua opinião, foi, durante muitos anos, a “única voz que disse a verdade sobre Salazar e o Estado Novo”.

“Humildemente, nós nos curvamos perante a obra do senhor professor, porque ela está presente e continuará. O testemunho do senhor professor é qualquer coisa que não passa, porque estas gerações do Estado Novo transmitem-nas à geração posterior e nós sucessivamente”, diz um rapaz de 23 anos, da área de Direito, mas que não quer ser identificado para não sofrer represálias. Interessa-se pela pesquisa sobre Salazar, “pela sua escrita, pela defesa dos ideais”. “Não temos a actividade política”, diz Carlos Paula Pereira, porque, “infelizmente, a Constituição não nos permite tal coisa. Não podemos ter atitudes de direita nem fascizantes”. “Mas não é líquido que o regime do Estado Novo fosse fascista”, contrapõe o rapaz de 23 anos. Ao almoço, comeram pataniscas.